

Amor

Não Envelhecerás

e Outras Histórias

Não Envelhecerás e Outras Histórias

Copyright © 2026 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina Brasil do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

ISBN: 978-65-5427-408-1

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R813n
1.ed. Rosenbaum, Paulo
Não envelhecerás / Paulo Rosenbaum. - São Paulo :
Minotauro, 2026.
248 p.; il.; 14 x 21 cm.
Título: Não Envelhecerás e Outras Histórias
ISBN 978-65-5427-408-1
1. Contos brasileiros. I. Título.
CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.3

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Grupo Editorial Alta Books

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutüs

Editor: Rodrigo Mentz

Produção Editorial: Estúdio Gama

Capa: Tecnologia Sora (IA)



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



PAULO ROSENBAUM

Não Envelhecerás
e Outras Histórias



MINOTAURO

Amostra

Amostra

Para Silvinha, por tudo e por tanto!

Para Hanna, Marina e Iael, pelo lúdico e por toda inspiração.

Para Moshe Z'L.

Amostra

Sumário

1. Decifrando Dédalus	5
2. Presságio	21
3. Teková: o mundo editado	33
4. Rivellino e as partículas erráticas	67
5. Extinção	73
6. Fairbanks	77
7. A pele que nos divide	85
8. IMPRESSÕES DE GATILHO - Cartas da UTI (para Nilda Raw)	127
9. Não envelhecerás!	141
10. Próxima Plantarum	161
11. Mamíferos	173

Amostra

Apresentação

O universo no qual estes contos se inscrevem é composto por recombinações, misturas e excertos de ideias que, depois, poderão recobrar fôlego para se tornar romances. O senso comum tende a subvalorizar os relatos pouco extensos; no entanto, são eles — as micro-histórias — que a tradição dos relatos curtos encerra. Há um vigor persistente e, ainda não completamente explorado, nos relatos breves. Eles são aberturas para perspectivas mais densas, embriões de ficções e, muitas vezes, sua concisão evidencia a arte do poder de síntese.

“Decifrando Dédalus” acompanha a jornada do escritor Jorge Luis Borges em uma de suas viagens para Londres, onde foi convidado para uma conferência. Em meio à rotina de um dia comum, um evento extraordinário acontece. Chamado para examinar um estranho manuscrito, Borges verá que não é mais o mesmo — e nunca mais será, já que “a pintura está no espaço e a poesia no tempo.”

Em “Presságio”, uma escalada até Uhuru, o pico do Kilimanjaro, no coração da África, pode ser uma experiência perigosa, especialmente se o objetivo for escapar dos paradoxos do mundo político e das oscilações afetivas. Clavius e Pina não sabem o que os espera um pouco aquém do pico, e os ganchos já não podem garantir uma nova oportunidade. Um poema pode significar a despedida ou justificar uma premonição.

Em “O mundo editado (*tekohá*)”, a vida atribulada do pesquisador Jonas Belli se confunde com sua investigação sobre a vida do professor Idel Targum, que, num dia deploravelmente comum, se perde em sua própria biblioteca, numa pacata casa, num bairro paulistano. Essa história pretende resgatar a tradição mítica dos livros raros e dos labirintos, onde chaves ainda podem representar trancas ou saídas. A ficção estende suas fronteiras até o pesadelo do totalitarismo nazista e o Estado policial que ameaça violar a última das liberdades: o controle da criatividade. A resposta pode estar no Manuscrito K-323, um papel extraviado por décadas, considerado o último rascunho.

Em “Extinção”, tem-se um retrato do improvável futuro do gênero masculino. Em “Rivellino e as partículas erráticas”, um autógrafa e a memória de um irmão precocemente desaparecido são metaforizados a partir do que o físico Mário Schemberg definiu como “parafísica”, revelando uma estranha perspectiva de coincidências que podem ou não ser aleatórias.

Em “Fairbanks”, uma jornada pelo isolamento ou a obrigatoriedade consigo mesmo revela que os sonhos mostram-se,

de fato, como uma dimensão ainda não compreendida pela ciência contemporânea e sequer devidamente explorada pela psicologia.

Em “A pele que nos divide”, quem ousaria imaginar que, em 09/11, dia do ataque às Torres Gêmeas, na mesma Nova York lacônica e indiferente às vidas individuais, duas pessoas se encontrariam sob o ímpeto de uma atração instantânea? No impacto desse encontro, um texto imediato surge para impor o poder da poesia em meio aos escombros de uma cidade recém-devastada.

Em “Não envelhecerás”, o leitor acompanhará a odisseia de um médico em busca de um emissário, transformando as ruas gaúchas de Passo Fundo em uma solene aventura de busca por um misterioso Justo Oculto. Num jogo sem descanso, ele se esconde pelo mundo para ser identificado apenas por alguns poucos eleitos.

Em “Próxima plantarum”, um futuro revela também uma busca — dessa vez, por mundos habitáveis. Com a capacidade de viagens quânticas, um “estelarnauta” híbrido está disposto a sacrificar-se, pondo-se a caminho de um buraco negro para uma investigação intergaláctica: pôr à prova a teoria de Einstein do “buraco de minhoca” — hipótese teórica ou realidade empírica? O túnel pode efetivamente encurtar viagens e dar acesso às múltiplas dimensões do tempo ou seria mais uma quimera teórica?

Finalmente, em “Mamíferos”, Lisa Bendror apresenta ao leitor a trajetória da falência e o caminho da redenção de uma relação, sob as alucinações dolorosas do parto e do puerpério. Uma artista

busca, à beira-mar, em Cabrália, Bahia, com a intrigante ajuda da natureza, ressignificar o que acaba de perder. Os mamíferos têm um código de solidariedade orgânico, intangível para quem não concebeu e prestes a ser experimentado através da simbiose. E Lisa Bendror está à espera.

Amostra

Decifrando Dédalus



— A PINTURA ESTÁ no espaço, a poesia, no tempo.

Enquanto declama para si, seus passos são arrastados. No calçado, veem-se os sinais de desgaste irregular da borracha negra. A busca — agora estava mais clara — não oferecia garantias. Sua cegueira já se instalara quase completamente. Luz e negrume se igualavam em escalas tonais. Os clarões escasseavam. A escuridão se instalou na maré sem lua.

O esforço, enorme, descomunal. Mas ele chegou. Estava ali: Londres, 26 de maio de 1969.

— Foi uma odisseia, mais uma odisseia!

A odisseia, resultado dos conflitos e acusações que enfrentou na Argentina. Os inimigos não perdoam a incoerência, mas costumam recusar, e perdoar menos ainda, a dignidade dos que assumem suas posturas. Jorge tinha essa mania.

A dificuldade não tinha nada a ver com o clima insular — para perplexidade de seus compatriotas — que sempre agradou a Borges. Afinal, o que poderia ser mais eloquente do que um chá na frente da casa de Swedenborg? Mais agradável do que o passeio até a velha livraria da Berkeley Square, a grama cerrada na pequena parada nos subúrbios, onde um velho amigo sempre estava disposto a uma rodada de rum carregado de especiarias?

A verdade é que a ilha aliviava o peso da formalidade acadêmica que sentia nos países hispânicos. Lá, na terra dos british, homens do pacto, pois diziam ser de origem hebraica, e em Londres ele estava absolvido de todas as acusações. Ao menos, tinha a pena suspensa.

Além disso, Londres era o lugar perfeito para buscar alternativas à falta de inspiração que um tempo excessivo na Capital Federal infligia à mente de um velho cosmopolita.

Mas aquela tarde! Aquela tarde foi mesmo incomparável.

Seu velho quarto, o 411, num hotel pouco luxuoso na Regent's Street, era apenas confortável e, afinal, seu lugar cativo. Há mais de vinte anos, na mesma época, na mesma rua, no mesmo hotel e, à exceção de 1959, ocupando o mesmo quarto.

Enquanto Borges dormia depois do brunch, um bilhete farfalhou à porta. A cegueira — como tinha aprendido com Aldous Huxley — era um castigo violento que, no entanto, proporcionava vicariâncias sensoriais vantajosas, às vezes emocionantes e extravagantes.

O olfato lhe permitia distinguir entre quatro tipos diferentes de curry, superando chefs hindus. A habilidade, aliás, tinha lhe rendido refeições grátis na última visita a Goa. Seu tato, uma espécie de scanner de alta resolução que as mulheres apreciavam. E, finalmente, sua audição. Num aprimoramento permanente e involuntário, foi ficando capaz de decifrar caracteres idiossincráticos em simples fonemas curtos, meros suspiros ou mudanças minimalistas em ritmos respiratórios. Para um cego, o radar era conveniente, sobretudo útil: dosar o ritmo das conferências, encurtar ou estender uma aula, fazer calar um jornalista impertinente.

— Mr. Jorge? Pode nos explicar como a cegueira influenciou sua literatura?

— Explicar? Espalmando as mãos, desistindo e simulando ignorância antes de continuar — Não sei! Posso falar apenas sobre o que imagino!

O jornalismo riu, incipiente.

— A cegueira nos tira quase tudo — suspirando com força, Borges prosseguiu: — mas nos confere a vidência... e a vidência é violenta.

— Vidência? Que vidência?

— Antes mesmo de abrir os dicionários, crio significados para as palavras que desconheço. Isso permite que eu distorça a ficção. Sem medo. Faça isso sem medo. E como isso dá prazer!! Além disso, acho que sonho muito. Nesse sentido, por graça ou

desgraça, tenho a impressão de que sou mais livre que a média dos escritores.

A diferença naquele dia foi o bilhete — papel de textura e aroma diferentes de tudo — resgatado da entrada da porta assim que foi plantado lá.

Borges era sempre lembrado de que o pior na cegueira era a incapacidade permanente de acesso imediato ao mundo das letras. A dependência sem fim de leituras alheias, dolorosa. Só compensada pela gentileza e compaixão constrangida que a amaurose desperta nos arredores. Isso, fora o excesso de sonhos em vigília que ela induzia.

Ao descer do perigoso elevador de porta pantográfica — percutindo o trajeto com a bengala de cabeça de águia entalhada no marfim poroso — encontrou o porteiro.

Este já sabia o que o simpático hóspede desejava com sua mão estendida.

— Leio o bilhete, Mr. Jorge?

— Por favor, Hermes — arriscou o escritor, com alguma formalidade, estendendo-lhe o papel brilhante, sem estranhar a intimidade do tratamento pelo primeiro nome.

— Diz — enunciou Hermes —, sempre balançando o papel enquanto lia:

“Sabemos de seu interesse nos manuscritos que se referem aos medos. Estamos convidando-o a vir hoje às 13h30, à 33, Embrington Road, Kenton, Middlesex, para conhecer uma biblioteca de resíduos. Venha, mas atenção: entre pelo acesso

lateral do sobrado. Lá há uma placa escrita “Morelli Prints — Ivan Lesmorlieff”. Quando chegar, não bata; aguarde em frente à porta, senhor.”

Silêncio inconcluso... enquanto Borges ergue as sobrancelhas e inclina a orelha.

— Somente isso, senhor?

Esqueceu Londres e redarguiu em castelhano:

— Nada más?

Em seguida, retificou, como quem espera desfecho, levantando a mão com a palma virada para cima:

— Quem assina?

— Ninguém. É somente isso, Mr. Jorge. Somente isso, senhor!

O submisso Hermes sacode de novo o bilhete para certificar-se.

Borges nem chega a recuperar o papel. Com a destreza de um vidente, sobe imediatamente ao quarto para se vestir.

Faz a ronda:

— Quem pode ter mandado isso? Como sabem do meu interesse pelos medos? Algum livreiro? Não, não ousariam. O editor... pregando uma peça? Pouco provável. Uma pequena vingança do grupo do Casares? No lo creo. O partido, uma desforra do partido, bem possível; porém, improvável.

Depois da contagem paranoica, desiste. Suspende as fabulações. Pensa ter matado a charada com a sucessão de hipóteses.

Sacode a cabeça, soletrando uma numeração qualquer. Resigna-se, sem entender o que aquilo significava. Quando foi informado sobre sua iminente visita àquela “biblioteca de

resíduos”, sua ambição foi imediatamente abalada. Quando a informação chegou sem detalhes, a voracidade lapidou-lhe os dentes. A bibliofilia costuma ser bibliofágica e, por alguns segundos, recordou os acervos que recebia quando dirigia a Biblioteca Nacional: livros e documentos quase totalmente digeridos por brocas.

Ocorreu-lhe que estava ali para fazer a palestra, agendada há mais de um ano:

Robert Browning e o conceito de tradução na hermenêutica.

Já tinha tudo organizado mentalmente. Mas apenas delinear a primeira linha do poema:

“In these red labyrinths of London¹

— Termino amanhã — consola-se, aplicando pequenos golpes carinhosos na máquina.

Borges sempre teve fascínio pela palavra “labirintos”. E, claro, a admiração se estendia a Dédalus, o arquiteto de Creta. Sua queda por dicionários o atrapalhava: prosódicos, etimológicos, de antônimos, populares, filosóficos. Era mais que comum perder-se em digressões que o tornavam um diletante — imperdoável, mas aquilo o transformava, provisoriamente, num amador. Assim explicado, não era nada contingencial seu amor pelos labirintos.

1. Jorge Luis Borges escreveu a poesia: **Browning Decides To Be A Poet.**

— Preciso ser objetivo — esmagando as pálpebras. — Restam poucas horas.

Pensa, então, em começar a palestra da noite mencionando a fusão de horizontes.

Põe-se a digitar:

“É para que o tradutor/leitor ou intérprete tente penetrar no texto com mais intensidade que o próprio autor, emulando idas e vindas. Só com esse vasculhamento, a linguagem retoma sua vocação de diálogo entre intérprete e autor, perdendo em literalidade e ganhando em literatura.”

Um defeito nas teclas o faz parar.

— Claro! Claro! Tinha que encenar agora!

(A velha máquina de estimação de Borges, uma Remington, modelo 1941, adaptada ao Braille, enguiça com o encavalamento das hastes de metal.)

Consola-se, relendo o texto com os dedos em cima da mesa ondulada:

— Estava ficando bom.

Levanta a cabeça e toma um susto. O absurdo, mais uma vez.

“Não posso crer”

Enxerga. Está enxergando. Completa e absolutamente!

Ofegante, retoma o texto que escorregava das mãos e aproxima-o do rosto, enquanto a perplexidade se confirmava. Já ouvira falar de milagres, escrevera sobre eles, pensou, como Eça de Queiroz, em publicar um dicionário sobre o assunto. Havia

acompanhado de perto leituras bíblicas nas quais os milagres jorravam com generosidade, numa profusão plausível.

“Mas eu? Por que? Fui agraciado?”

Borges evitou entrar no mérito da justiça tê-lo escolhido entre tantos outros homens.

Mas o fato, teimoso, estava ali : sua visão ressurgiu, do nada!

Como suicida, cercado pela imprudência desastrada, escancarou as venezianas das janelas de seu apartamento. Dali havia uma vista de Londres. Sofrível, mas ainda assim, uma vista!

“No lo puedo creer.”

Em surto de pressa, abre a porta. Sem se preocupar com mais nada além de alcançar a rua, passa pela recepção com a sede dos que jamais beberam. Hermes — que lustrava o móvel da recepção — abandona o posto, com a flanela pendente à mão, e vai seguindo o cego até a porta; está boquiaberto.

Ultrapassa o vidro e, ao alcançar a rua, Borges busca qualquer coisa para ler. Depara com um fuliginoso anúncio no poste de ferro escuro. Ali, colado, o anúncio: exposição de arte etrusca no Victoria & Albert Museum. Aquilo — e só aquilo — lhe confirma a visão. Borges chora. Depois de 17 anos sem quaisquer notícias, suas lágrimas caminham pelos ductos até alcançarem os canais do Tâmsa.

Embaralha mentalmente as cartas e cogita se pode haver relação de causa e efeito entre a carta e o milagre.

Borges sempre se locomovera bem em Londres. Estranho de verdade foi conseguir alcançar, sem qualquer ajuda dos passantes,

as escadas e, depois, a conexão ônibus-metrô para chegar ao local indicado. Sua visão de Londres restabelecida torna-se uma metáfora acesa, expelida diretamente de um de seus escritos.

A linha vermelha o conduz ao subúrbio. Desce e consulta o relógio público.

10 09 2025 01:22

2:27 P.M.

Entra pela porta lateral do sobrado e avista a placa amarela

Morelli Print's. (Ivan Lemorlieff)

Vai bater, mas a porta se abre antes, limpa, sem rangidos, como se alguém vigiasse sua aproximação. O editor inglês está lá, cara retraída, pele dos rostos arrepiada.

— O que significa tudo isso, Titus? O escritor nem se preocupa com as formalidades dos cumprimentos; vai direto ao assunto.

— Não sei bem — afirma Titus Olzen — a palidez, a sudorese fria acima dos lábios davam a ele um aspecto de doente. — Sabia que você não acreditaria. — Não era comum tanta solenidade em Titus.

Olzen, o editor inglês de Borges, era simplesmente um dos publishers mais conceituados do Reino Unido. Como usual, sua fama não veio antes do escárnio generalizado da sarcástica crítica britânica por publicar poetas neófitos, ousar apostar em velhos desconhecidos ou declarar-se não alinhado com as novas pautas.

Titus tinha o costume de jamais desprezar originais e, antes de descartar um papel, relia por duas ou três vezes o material. Não era somente pelo medo de ser injusto; apenas levava a sério seu

papel de triagista de vocações e interlocutor para aqueles que se aventuravam no perigoso universo da originalidade.

— Nem acredito... — rebate, rouco, Borges.

— Veja isso! — Titus roda os papiros com a destreza de ex-revisor, espalhando os manuscritos numa mesa redonda mal iluminada. Aponta para a folha com uma lanterna que parece falhar intermitentemente. Como não há luz, para e sacode o apetrecho. Depois abre a coisa e substitui a bateria.

A luz volta.

— De que se trata? — tremula Borges, flutuando num desejo sem foco.

— Manuscritos. Os que estavam no Sion College, possivelmente retirados antes do incêndio de 1666. — Não... esqueça os livros. — Borges estava atraído por dois grossos tomos in fólio e outras edições chamuscadas que pousavam ao lado da mesa.

Os papiros, desenrolados e queimados nas extremidades, são verdes. Estão bem amarelados e emanam um cheiro adocicado. Difícil classificar. O escritor inspira fundo.

— Borges começa a sessão de paleografia. Traduz com avidez, usando o dedo como régua:

“...e, nestes dias, quando soubemos que desapareceríamos, queremos dizer aos que vêm que enxergarão como nunca ao traduzir este testamento

Fica impossível continuar:

“(trecho rasurado)... Madai foi o terceiro filho de Jafé, filho de Noé. Madai foi o ancestral dos medos e a palavra Madai é utilizada em monumentos assírios para designar os medos, cuja linguagem é ignota até os nossos dias. Em Jerusalém, em Pentecostes do ano 33 D.C, eles estiveram presentes estavam, junto com pessoas de muitas outras nacionalidades. Visto que são chamados de "judéus, homens reverentes, de toda nação", muito provavelmente fossem descendentes de judeus exilados em cidades dos medos, após a invasão assíria de Israel, ou talvez fossem prosélitos da crença judaica..(Trecho e caracteres ilegíveis)”

— Pule, pule esse trecho. Ilegível demais, repara Titus, afastando os dedos de Borges fingindo não enxergar o milagre.

Borges murmura insolências antes de prosseguir:

“..legamos então esta carta aos milagres que emanam deste papel recolhido feito de maná. O orvalho sagrado caia para os israelitas acampados e tinha

poderes extraordinários.
Recuperava sentidos
perdidos, regenerava
tecidos ofendidos,
restaurava pensamentos
obscurecidos pelo
tempo...”

Borges levanta as longas sobrancelhas em direção a Olzen, compreendendo alguma ação milagrosa, mediada pela matéria.

— E como? Me diga como o maná foi parar lá? Um dos itens guardados na arca que desapareceu! Os romanos não a levaram quando saquearam Jerusalém? Na mão dos medos? Eles o transformaram em papel? — Sem dúvida, engenhoso. Bataca o dedo na mandíbula enquanto segura o queixo.

Imediatamente, Borges migra para a infância.

Está com nove anos. Brinca nas ruas do velho bairro do Once, em Buenos Aires. Sua bola encalha num beco. Sim, ele já gostou de futebol. Na construção antiga, examina um azulejo incrustado no parapeito do prédio. Está intrigado. Uma senhora idosa susta a contemplação.

— Menino? Sabe quem eram os medos?

Balança a cabeça em negação; os olhos estão no chão.

Apesar da idade, a mulher tem feições delicadas; na expressão, uma tensão resignada. Depois de um silêncio interrogativo, cochicha — voz firme, sussurro irritante:

— O azulejo. Sabe por que este azulejo foi colocado aí?

O menino cala. Ela responde sem que ninguém solicite:

— Para provar que ninguém está seguro — cutucando a louça com a unha comprida e escurecida por um esmalte cinza.

O menino está com medo; parece haver uma ameaça nas palavras vagas.

— Grandes povos somem, pequenos sobrevivem.

Jorge está cabisbaixo, esperando o fim da aula, enquanto a velha espreme seu pulso.

— Não existe lógica — lembre-se — para aumentar a ênfase, repete, vagorosamente, em tom cadenciado, no ritmo de máquina a vapor:

“Não existe lógica. Lógica é uma invenção para que tentemos nos resignar frente ao incognoscível.

N ã o h á l ó g i c a No la hay.”

Agora a chuva é mais constante. Borges vai completar sua jornada londrina. Desloca-se encharcado de volta ao hotel, ainda sacudido pelas ondas do metrô. Está trêmulo pelo jejum; a euforia está no fim.

A recepção do hotel está esvaziada.

— Pedro, que tal? — saúda o chefe da recepção, o angolano naturalizado inglês, Pedro Xismes.

— Boa tarde, senhor.

— E Hermes? Onde está? Borges precisa do bilhete de volta.

— Hermes, senhor... — parece constrangido e vai mentir — teve uma indisposição, Mr. Jorge. — Para ser sincero, demitiu-se hoje. Assim que o senhor saiu, Pedro, fingindo naturalidade, conclui escondendo o lábio inferior.

— Como? A admiração era coerente; Hermes era a criatura mais estável e irritantemente resignada que conhecera.

— Despediu-se de nós. Seus olhos brilhavam. Alguma loucura, senhor, alguma loucura.

Borges espera por mais detalhes, mas Pedro não tem muito mais para informar.

— Disse — prosseguiu Pedro, diante do constrangimento —: “Volto para Cardiff, rever os filhos.” Finaliza enquanto se refugia no trivial. Volta-se à flanela para lustrar o balcão de cedro.

Indeciso, Borges retorna para a entrada do hotel.

Abre a porta e sai de novo; o queixo pende e suas mãos saúdam o acaso: o céu estava particularmente exuberante, com o frio enxugando a opacidade e exaltando o brilho do ar. Uma fileira de pássaros, em formação de esquadra, desfila como setas em direção ao sul.

“Um conto mais”.

Dentro de um vento cortante, o poeta levanta a cabeça em direção ao céu e sorri, vidrado nas cores elásticas daquele dia inesquecível.

Amostra